

A TRADIÇÃO E A CIÊNCIA

Há tradição em ciência? São (in)compatíveis? Será que ela está contida no que dita a moda em ciência? Mas qual a origem destas interrogações?... Talvez tenha começado com as repetidas pesquisas bibliográficas para a elaboração e discussão dos resultados de trabalhos de investigação. Pesquisa-se até dez anos antes, manda a tradição, mas é importante e neste início do século XXI (e fácilimo) ter acesso até muito atrás no tempo. Há antigas questões ainda por desenvolver por vários tipos de constrangimentos. Pois bem, algumas perguntas são resolúveis pelas novas tecnologias, mas muitas outras ficarão no “limbo”, por exemplo por omissão no processo de pesquisa.

É necessário estimular o gosto pela “arqueologia” científica, “esgravatar” no tempo, nos registos do que foi questionado e respondido por outros meios tecnológicos e modelos científicos. É também uma forma de respeito pelo trabalho feito tradicionalmente em equipas monodisciplinares e nacionalistas.

A “big science” chegou na forma do projecto do genoma humano e rompeu com a tradição do trabalho individual ou de um pequeno grupo, instalando outra tradição, a de grande grupos e a da internacionalização da investigação. No entanto, este salto abrupto não foi acompanhado por qualquer modificação na generalidade das instituições académicas, que permaneceram baseadas em estruturas disciplinares. Por sua vez a abordagem multinacional acarretará, naturalmente, apoios financeiros específicos e dificultará o suporte económico a atribuir aos projectos que não se enquadram na nova moda. Poder-se-á estar a introduzir outra forma de tradição que vá reforçar e interferir na possibilidade de mudança dos paradigmas científicos, no que respeita ao método, às abordagens e à interpretação dos resultados que não se baseiem na evidência e no cientificamente correcto¹. Poder-se-á dizer que a visão monoteista da ciência impede, quer a nível local quer a nível geral, que haja desenvolvimento científico. Há ainda a considerar os factores relacionados com alguns investigadores no que respeita a comportamentos, preconceitos tradicionalistas, em ou “theoretical conformism in scientific work...”¹ que perpassa ao longo de gerações que é necessário re-educar, como Patrick Bateson recomenda ao reflectir sobre a conduta

científica. Veja-se que passados cinco anos de adopção da Millennium Declaration, continuam os apelos e recomendações para a intercomunicação e cooperação entre todos os povos de todas as nações². Iniciativas não faltam também a nível europeu, pois há cinco anos foi criada a European Research Area (ERA) em Lisboa, de modo a tornar a Europa uma economia baseada no conhecimento³. Dois anos depois estavam traçadas as regras de mobilidade.... Passados quatro anos ainda se estava a preparar “O Scientific Visa”... mas mais uma vez se percebe que a tradição de se investir pouco na educação e na investigação superior não atingirá o objectivo de atrair novos talentos³.

Outro apontamento também cheio de tradição em ciência diz respeito aos trabalhos efectuados com o patrocínio de Instituições não estatais. Nalguns casos a urgência de resultados e a necessidade de bons produtos criam pressões que podem desvirtuar o comportamento do cientista. No entanto perpetuam-se as mesmas interrogações, tantas vezes repetidas, nos meios de comunicação social como por exemplo... mas, se estão identificados os factores de risco porque continuam a ocorrer esses acidentes?... Não se investe na promoção da saúde com a identificação por rotina dos factores de risco de natureza molecular, apesar de haver trabalhos publicados e evidência científica na ocorrência da disfunção molecular associada a determinada patologia... o lucro fácil e rápido comanda muita da tradição em experimentação das ciências da saúde.

Há domínios científicos, como a Física, em que se consegue por vezes romper com o que é tradição pernicioso para o avanço do conhecimento e originar revoluções científicas. Ainda na Física, nalguns casos o aparecimento de paradigmas serviu apenas para reafirmar o anterior, através da demonstração da falta de sentido do novo. São exemplos o teorema de von Neuman e o paradigma indeterminista da Escola de Copenhague.

Aceitemos, ou não, há tradição em ciência (boa, má, assim assim) e nós próprios criamos a tradição, nomeadamente no modo de a fazer, de a pensar, de a comunicar e a da negar.

Pensem-nos...

*Carlota Saldanha
Presidente da SPHM*

Referências

- ¹ Bateson P. – Desirable scientific conduct. Science 2005, 307:645.
- ² Annan K. – Science for all nations. Science 2004, 303:925.
- ³ Busquin P. – Investing in people. Science 2004, 303:145.